

Dentro dessa perspectiva, surgiu a possibilidade de implantar na APAE de São Gonçalo, em parceria com um Canil, a Cinoterapia, terapia inovadora que tem como diferencial a utilização de cães como facilitadores do processo terapêutico: alternativa terapêutica para enriquecer o processo de Reabilitação e Educação das pessoas com necessidades especiais.

Juliele Maria Ferreira

A Cinoterapia na APAE/ SG: um estudo orientado pela teoria bioecológica do desenvolvimento humano

Animal-assisted therapy at APAE / SG: a study designed by theory bioecology human development

JULIELE MARIA FERREIRA*

Resumo

O presente estudo partiu da experiência de Cinoterapia – terapia facilitada por cães para fins terapêuticos ou educacionais, com um grupo de crianças com deficiência da APAE de São Gonçalo, realizada com a parceria do Canil da Polícia Militar da mesma cidade. Nosso objetivo geral é descrever o projeto de Cinoterapia, considerando o desenvolvimento humano e a relação Homem/Animal. Para tanto, baseamo-nos na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, proposta por Bronfenbrenner. Participaram desta pesquisa, um grupo de 30 educandos de 4 a 16 anos, com deficiência (Paralisia Cerebral com Deficiência Intelectual). Como instrumento para a coleta de informações, utilizamos três Fichas de avaliação funcional e de desenvolvimento. De um modo geral, o convívio com cães estimula a responsabilidade, auto-estima e o autocontrole. Através do cão é possível induzir um grau de motivação que possibilitará um melhor desenvolvimento biopsicosocial uma vez que até o mais resistente dos indivíduos se desconcerta na presença do cão e, com isso, diminui suas defesas, facilitando a ação terapêutica.

Palavras-chave: Cinoterapia. Deficiência. Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

Abstract

Based on an Animal-assisted therapy experience - therapy using dogs for

* Mestre em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco e Especialista em Educação Especial pela UFF; Coordenadora de Projetos da APAE, Membro do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência e Professora do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro ISERJ – FAETEC; Email: julieleferreira@gmail.com

therapeutic or educational purposes, this study was developed with a group of children with disabilities at APAE, in São Gonçalo, and held in partnership with the police kennel in the same city. Our overall aim is to describe the animal-assisted therapy project, considering human development and the relationship between Man and Animal. Therefore, we rely on the Bioecological theory of human development proposed by Bronfenbrenner. Participants were a group of 30 pupils from 4 to 16, with disabilities (Cerebral Palsy with Intellectual Disabilities). As a tool for data collection, we use three sheets of functional evaluation and development. Results have shown that, in general, living with dogs encourages responsibility, self-esteem and self-control and that dealing with a dog increases a degree of motivation that will enable a better biopsychosocial development since even the toughest individual tend to stagger in the presence of a dog. This reduces their defenses and facilitates the therapeutic action.

Keywords: Animal-assisted therapy. Disabilities. Bioecological Theory of Human Development.

Introdução

As relações da sociedade brasileira com o segmento populacional constituído de cidadãos que apresentam necessidades especiais foram se modificando, no decorrer da História, sabidamente sob a influência de fatores político-econômicos, geralmente avalizados pelo conhecimento científico disponível a cada época.

De acordo com Mazzotta (1996), felizmente, no limiar desse novo milênio, estamos vivendo novas perspectivas através da transição entre as práticas de integração e as de inclusão social. Os dois processos coexistem, ou seja, algumas das velhas práticas ainda sobrevivem enquanto as novas vão sendo incentivadas cada vez mais intensamente. Admitir pessoas deficientes nos meios sociais já representa um grande passo, mas, como participantes do processo educacional da pessoa com deficiência precisamos contribuir muito mais para o desenvolvimento de nossa sociedade.

Quando pensamos em incluir pessoas com deficiência no nosso ambiente social, lembramos do estereótipo do deficiente historicamente conhecido e mantemos essa visão estigmatizada do incapaz, dificultando, assim, nossa capacidade de promover a inclusão.

No entanto, precisamos lembrar que essa ideia que temos dos deficientes não é construída por nós e sim incorporada de geração a geração por meio da história. Contudo, precisamos compreender que é de nossa responsabilidade a forma como vamos nos relacionar com as pessoas e o que poderemos fazer daqui para frente para começarmos a construir uma nova visão, um novo paradigma, uma atitude responsável.

A presente pesquisa tem como ponto de partida o interesse pelo estudo da vinculação afetiva entre pessoas e animais e a Deficiência como uma

maneira de ser e estar no mundo, a partir de uma condição diferenciada com a qual o indivíduo organiza sua vida.

É nesta perspectiva que se insere esse estudo: de olhar para o deficiente e poder dizer-lhes que pode e conseguirá galgar caminhos mais elevados, que suas limitações podem ser superadas e que a vida é digna para todos.

A relevância do presente estudo está demonstrada nas inúmeras possibilidades de aproveitamento das informações aqui obtidas. A aplicação destes conhecimentos pode contribuir para o trabalho realizado com deficientes, especialmente nas áreas de reabilitação, educação e estratégias de atividades terapêuticas mais motivadoras, possibilitando que o educando continue no caminho da busca de autonomia, qualidade de vida e participação social.

As novas modalidades de intervenção com uso de animais abrem, para os profissionais de saúde e educação, novas perspectivas em termos de recursos auxiliares. Nas últimas décadas é crescente o interesse científico pelo estudo da relação homem-animal e, consultando a literatura especializada, percebe-se que grande parte das pesquisas busca comprovar a eficácia das intervenções assistidas por animais.

Dentro dessa perspectiva, surgiu a possibilidade de implantar na APAE¹ de São Gonçalo, em parceria com um Canil, a Cinoterapia, terapia inovadora que tem como diferencial a utilização de cães como facilitadores do processo terapêutico, alternativa terapêutica para enriquecer o processo de Reabilitação e Educação das pessoas com necessidades especiais.

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de um olhar que considere o desenvolvimento humano e o papel da interação entre indivíduo e o ambiente na relação entre a criança, terapeuta, condutor e o cão, tendo como objetivo geral descrever o projeto de Cinoterapia realizado na APAE de São Gonçalo, levando em conta o desenvolvimento humano e a relação Homem/Animal.

Terapia facilitada por cães (Cinoterapia)

A Terapia Assistida por Animais é um processo terapêutico formal em âmbito mundial, padronizada pela organização americana Delta Society. Congrega outras instituições, órgãos certificadores, grupos, cursos e voluntários, sendo que dele participam profissionais da área da saúde humana, animais, seus proprietários ou condutores. Esses programas são aplicados a diversas pessoas e têm monitoramento profissional, com procedimentos claros e definidos para o paciente ou grupo de pacientes. Apresentam, ainda, metas e objetivos estabelecidos, que são medidos, tabulados e seus resultados analisados. O processo é realizado por meio de visitas, recreação e distração com o animal, com participação da criança, do terapeuta e do condutor. Esses programas apresentam muitos aspectos positivos e funcionam como estratégias adjuvantes em diversos tratamentos.

¹ Associação de pais e amigos dos excepcionais

Na Cinoterapia, o cão é utilizado como instrumento de estimulação essencial para os órgãos sensoriais (visão, audição, olfato, tato), sentido cinestésico, sistema límbico. O praticante necessita de auxílio do terapeuta para manter contato e manipulação do animal. Nessa fase são trabalhados a aproximação, a manipulação do animal, o reconhecimento e a função de materiais/acessórios caninos como: tipos de enforcador, peitoral, guias longo/curto, escova de pêlos, potes para água e alimentação. Com a Educação e Motricidade, o cão é utilizado como um instrumento na educação e ou reeducação motora e organização pedagógica. O praticante é inserido em atividades estruturadas com circuitos envolvendo todo esquema corporal e cognitivo juntamente com o cão.

A terapia com animais pode ser benéfica para qualquer ser humano, em diferentes situações de vida, mas é especialmente indicada para crianças. Buscando investigar qual a função do animal para a criança durante a infância, Levinson, em seu estudo, identificou-o como objeto de fantasia: como um companheiro imaginário, um agente por meio do qual a criança aprende a ser responsável, adquirir um sentido de identidade e desenvolver independência. Os animais são, para as crianças, uma fonte de amor incondicional e lealdade, principalmente diante de punições. Servem de apoio durante as crises familiares, oferecendo consolo quando os adultos estão envolvidos com seus próprios problemas e assuntos.

Todos os animais utilizados nesses programas passam obrigatoriamente pela avaliação de profissionais da área de veterinária e da psicologia comportamental. Eles devem atender aos requisitos de saúde animal, sendo avaliados, reavaliados e monitorados. Os animais são testados quanto ao comportamento, obediência, socialização e aptidão, passando por reavaliações constantes.

A Terapia Facilitada por Cães (TFC) teve origem em 1792 no Retiro York, na Inglaterra em uma Instituição para deficientes mentais, em que os pacientes participavam de um programa alternativo de comportamento que consistia na permissão para cuidar de animais de fazenda como reforço positivo. Em 1867, a mesma técnica foi usada com pacientes psiquiátricos numa Instituição na Alemanha. Mais tarde, em 1942, terapeutas começam a perceber os benefícios de TFC em pacientes com distúrbios mentais e físicas, mas somente na década de 60, foi publicado, nos Estados Unidos, pelos Dr(es). Boris Levinson & Sam & Elisabeth Corson as primeiras observações científicas dos benefícios da TFC em pacientes com quadros clínicos psiquiátricos.

A partir dos anos 80, relevantes pesquisas científicas emergem, provando o benefício à saúde humana a partir da interação com animais, divulgando-se rapidamente no Reino Unido, Estados Unidos e na Europa Continental (REICHART, 1998). No Brasil, o interesse pela TFC surge nesta mesma época, mas somente, a partir dos anos 90 são implantados os primeiros Centros de Atendimento de Terapia Assistida por Animais e relevantes estudos

científicos. O uso de cães como facilitadores no processo terapêutico de pacientes, no Brasil, iniciou com a Dra. Nice da Silveira (Psiquiatra e Terapeuta Ocupacional). Em setembro de 2000, acontece no Rio de Janeiro a 9ª Conferência Internacional sobre Interações Homem-Animal, despertando diferentes profissionais da saúde para atuação e pesquisas científicas na Terapia Assistida por Animais. As principais organizações que envolvem estudos de Terapia Assistida por Animais estão localizadas no Delta Society nos Estados Unidos, na Inglaterra no SCAS – Sociedade para Estudos de Animais de Companhia, e na Europa no IEAP.

Segundo dados do Dr. Dennis C. Turner (Phd.), Presidente da Associação Internacional das Organizações Homem-Animal (IAHAIO), no Brasil, 30% dos Psiquiatras e Psicoterapeutas envolvem animais nas suas práticas clínicas.

O educando com deficiência

Estudos demonstram que as formas pelas quais se manifesta a dificuldade quanto ao desenvolvimento infantil podem estar relacionadas a fatores biológicos, genéticos, psicológicos e ambientais, geralmente envolvendo interações complexas entre eles (HALPERN; FIGUEIRAS, 2004). Por essa razão, o impacto de fatores biológicos, psicossociais (individuais e familiares) e ambientais, no desenvolvimento infantil tem sido objeto de inúmeros estudos nas últimas décadas (RUTTER, 1989; GARBARINO, 1990).

Segundo a descrição do DSM. IV, a característica essencial do Retardo Mental é quando a pessoa tem um “funcionamento intelectual significativamente inferior à média, acompanhado de limitações significativas no funcionamento adaptativo em pelo menos duas das seguintes áreas de habilidades: comunicação, autocuidados, vida doméstica, habilidades sociais, relacionamento interpessoal, uso de recursos comunitários, auto-suficiência, habilidades acadêmicas, trabalho, lazer, saúde e segurança”. Essa é também a definição de Deficiência Mental adotada pela AAMR (Associação Americana de Deficiência Mental).

Quanto às suas implicações para intervenção com estas pessoas a importância que se atribui aos apoios necessários reflete a ênfase atual nas possibilidades de crescimento e potencialidades das pessoas, centra-se no indivíduo, nas noções de oportunidade e autonomia; e na convicção de que estas pessoas não de estar e pertencer à comunidade.

Teoria bioecológica do desenvolvimento humano

O modelo bioecológico, (*Pessoa, Processo, Contexto, Tempo*) é uma estratégia teórico-metodológica que tem como objetivo o estudo científico do desenvolvimento humano no contexto e através do tempo, a partir da interação de quatro núcleos inter-relacionados: a *pessoa*, o *processo*, o *contexto* e o *tempo*, investigando as causas e os processos que influenciam o desenvolvimento (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

De acordo com a figura a baixo:



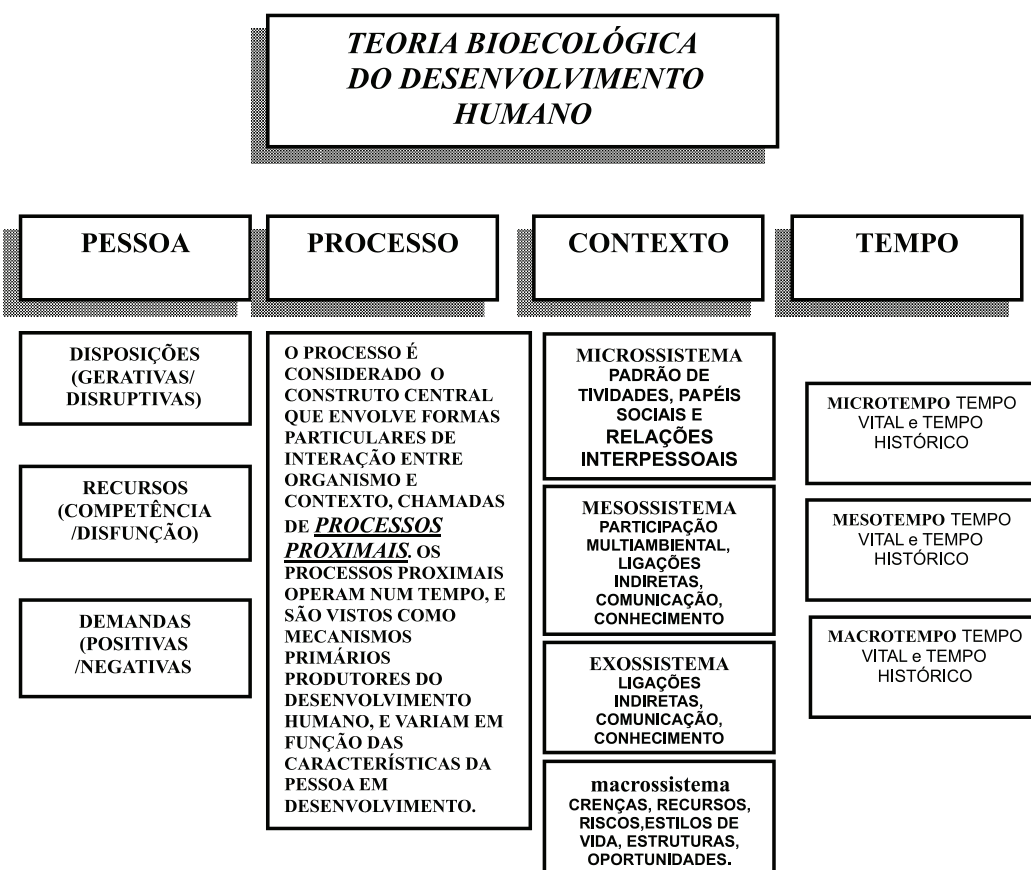
Em primeiro lugar, o modelo considera crucial definir a *peessoa* cujo desenvolvimento está sendo investigado, suas características individuais, físicas e psicológicas. O *processo* é destacado como o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento, sendo visto através de interações recíprocas, progressivamente mais complexas, de um ser humano ativo, biopsicologicamente em evolução com as pessoas, objetos e símbolos de seu ambiente imediato (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). O modelo passa, então, a avaliar o *contexto* no qual o desenvolvimento ocorre, as pessoas presentes e seus papéis como fontes de apoio. É analisado através da interação dos quatro níveis ambientais, que constitui o ambiente ecológico do indivíduo em desenvolvimento: *microsistema*, *mesossistema*, *exossistema* e *macrossistema*.

O ambiente ecológico é entendido por Bronfenbrenner (1979/1996) como um sistema de estruturas agrupadas, independentes e dinâmicas, que vai desde o contato mais íntimo da criança com o responsável pelos seus cuidados, até os ambientes de contextos sociais mais amplos, como escola,

abrigo, vizinhança e cultura, por exemplo. O primeiro nível é chamado de *microsistema*, estando relacionado ao efeito de influências proximais, ambientais e organísmicas que advêm do interior do indivíduo, de suas características físicas, de objetos e de pessoas do ambiente imediato, que caracterizam a relação face a face.

O desenvolvimento humano, para Bronfenbrenner (1979/1996, 2004), consiste no processo através do qual a pessoa em desenvolvimento adquire uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, de forma contínua e processual. O desenvolvimento envolve uma mudança efetiva e não ligada à situação ou às características do indivíduo, implicando uma reorganização que tem certa continuidade ao longo do tempo e do espaço.

Com o quadro abaixo pretendemos resumir e definir os aspectos que foram considerados neste estudo:



Procedimentos metodológicos

A investigação realizada neste trabalho se configura como descritivo-qualitativa. As investigações qualitativas consistem, essencialmente, na descrição e interpretação de dados observados diretamente na fonte, isto é,

coletados no ambiente natural em que ocorrem. Nesse caso, o investigador procura observar o contexto para captar o significado do que ocorre no campo de estudo, na perspectiva da investigação (BOGDAN; BIKLEN, 1999). Neste estudo, focamos um grupo de 30 educandos de 4 a 16 anos com deficiências múltiplas (PC, intelectual), com respostas inadequadas aos estímulos.

Como instrumento para a coleta de informações, utilizamos as fichas e relatórios (Prontuário) realizados na instituição pela equipe interdisciplinar. Três fichas de avaliação (Avaliação de independência funcional, avaliação da observação diária e avaliação do responsável). Foi utilizado ainda o laudo médio.

De acordo com Krebs, (1995, p 270)

Embora uma pesquisa nem sempre possa investigar simultaneamente todas as variáveis associadas ao Modelo Bioecológico, é importante que o pesquisador discuta todas as prováveis implicações que as variáveis não controladas poderiam ter sobre o processo proximal, colocado como questão geradora da pesquisa.

Diferente dos modelos delineados a partir de uma relação de causa/efeito, muitas vezes utilizando pré- e pós-teste, os delineamentos de pesquisa apoiados no Modelo Bioecológico não buscam uma única conclusão obtida a partir de uma relação linear entre variável dependente e variável independente; a pesquisa bioecológica busca explicar a dinâmica que se estabelece entre um organismo vivo e os contextos em que ele está inserido.

Conclusão

Com a pesquisa que tivemos a oportunidade de inserir no modelo Bioecológico podemos observar resultados significativamente positivos. Sendo assim, a Cinoterapia é importante auxiliar no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, principalmente da criança com deficiência, por, entre outros fatores, segundo Martins (2006): a) ser elemento de ligação entre a aprendizagem e os estudos acadêmicos, proporcionando a conciliação com as diferentes áreas do saber; b) ir ao encontro da formação e da conscientização em vista da construção de atitudes de respeito, responsabilidade e preservação à vida de todos os seres vivos e do meio ambiente; c) servir de base de apoio constante, oferecendo consolo e aceitação incondicional; d) satisfazer a curiosidade, proporcionarem satisfação e inserir mais facilmente no currículo escolar os temas transversais (meio ambiente, ética, educação de sentimentos etc.), ajudando no aprendizado de conteúdos procedimentais e atitudinais; e) representar um fator de motivação para a aprendizagem e fortalecerem a autoconfiança, a socialização, a comunicação e os valores da cidadania.

A Cinoterapia não pretende substituir nenhum tipo de tratamento

convencional de pacientes com autismo, síndrome de Down, deficiência mental, paralisia cerebral, deficiência física, ou qualquer outra. Trata-se de um trabalho paralelo, que envolve o paciente, a família e, principalmente, o vínculo com os animais.

Quando crianças e animais estão juntos, são encontrados benefícios significativos como: facilitar e mediar a relação terapêutica, buscando a codificação e significado nas diferentes experiências com o cão e permitir ao educando aprender novas tarefas de forma eficiente.

Referências

BERGAMO, Giuliana. O doutor é animal: A zooterapia conquista credibilidade e ganha mais espaço no tratamento de uma série de distúrbios. **Revista Veja**, [S.l.: s.n.], p. 20, 30 nov. 2005.

BOGDAN, R.; BILKEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**. Uma introdução as teorias e aos métodos. Porto: Porto, 1999.

BRONFENBRENNER, U.; Ceci, S. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. **Psychological Review**, Washington, D. C., American Psychological Association, n. 101, p. 568-586, nov. 1994.

_____; MORRIS, P. A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Orgs.). **Handbook of child psychology**, v. 1: theoretical models of human development. New York: John Wiley, 1998. p. 993-1028.

_____. **A Ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979/1996.

CÃO AMIGO E CIA. **Apresenta informações gerais sobre a instituição e sobre a terapia assistida por animais**. Disponível em: <<http://www.data.pro.br/caoamigo/template/page.php?pg=secao1>>. Acesso em: 5 fev. 2006.

ESPECIAL. **Terapia facilitadora com cão**. Disponível em: <http://www.svcpa.org/tfc/02_historico.htm>. Acesso em: 20 abr. 2006.

GARBARINO, J. The human ecology of early risk. In: MEISELS, S. J., editors. **Handbook of early childhood intervention**. Melbourne: Cambridge University Press, 1990.

GOLDEN, Shawn M. Os efeitos e benefícios da implementação da terapia facilitada por cão (Cinoterapia) em sessões com crianças com necessidades ESPECIAIS. **Universidade Estadual de Frostburg**. Disponível em: <<http://www.amguara.com.br/terapia.htm%3E>>. Acesso em: 5 mar. 2004.

GONÇALVES, Heverton José. **Animais terapeutas**. Disponível em: <<http://WWW.animaisterapeutas.globolog.com.br.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2006.

HALPERN, R.; FIGUEIRAS, A. C. M. Influências ambientais na saúde mental da criança. **J Pediatr**, v. 80, suppl. 2, 2004.

KREBS, Ruy J. **Desenvolvimento humano: teorias e estudos**. Santa Maria: Pallotti. p. 270, 1995.

_____; COPETTI, Fernando; BELTRAME, Thaís S. Uma releitura da obra de Urie Bronfenbrenner: a teoria dos sistemas ecológicos. In: KREBS, Ruy J. (Ed.). **Teoria dos sistemas ecológicos: um paradigma para o desenvolvimento infantil**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, p. 13-39, p. 191, 1997.

KREISLER, Kristin Von. **A compaixão dos animais: histórias verdadeiras sobre a coragem e a bondade dos animais**. São Paulo: Cultrix, 1997.

LEVINSON, B. M. Pets, child development, and mental illness. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 157, p. 1759-1766, 1970.

_____. B. M. Pets: a special technique in child psychotherapy. **Mental Hygiene**, v. 48, p. 243-248, New York, abr. 1964.

_____. B. M. The dog as a co-therapist. **Mental Hygiene**, v. 46, p. 59-65, New York, Jun. 1962.

MANNUCCI, Anna. Fazendo amigos. In: **Viver Mente e Cérebro**, n. 152, set. 2005. Reportagens. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/conteudo/materia/materia_32.html> Acesso em: 16 dez. 2006.

MARTINS, Maria de Fátima. Animais na escola. In: DOTTI, Jerson. **Terapia & Animais**. Osasco, SP: Noética, 2006.

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.

REICHART, E. Individual counseling for sexually abused children: A role for animals and storytelling. **Child & Adolescent Social Work Journal**, 1998.

RUTTER, M. Pathways from childhood to adult life. **J Child Psychol Psychiatry**, 1989.